

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO-UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

VIDAS SECAS: VALORIZAÇÃO DA POBREZA COMO DENÚNCIA SOCIAL.

PONTES E LACERDA, DEZEMBRO DE 2011

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOELSON MÁXIMO LACERDA

VIDAS SECAS: VALORIZAÇÃO DA POBREZA COMO DENÚNCIA SOCIAL.

Monografia de Conclusão de Curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Madalena A Machado

PONTES E LACERDA – 2011

JOELSON MÁXIMO LACERDA

Pontes e Lacerda – MT, dezembro de 2011

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Madalena A Machado
Orientadora

Prof. Dr. Hólvio Moraes Gomes
Membro

Prof^ª. Me. Gislei Martins de Souza
Membro

Nota_____

Dedico este trabalho a todos aqueles que não acreditaram em mim, aos problemas surgidos pelo caminho que foram resolvidos ou superados, as dificuldades que me serviram para que mesmo caído tirasse proveito e descansasse reunindo forças para voltar e ao tempo às vezes aliado, outras, inimigo. No entanto sei que ele está sempre ao meu lado me ajudando a construir minha história e levando em troca uma boa parcela da minha vida. Não sei se as escolhas da minha vida foram boas ou ruins, só sei que pertencem apenas as minhas lembranças e ao meu passado, no entanto me tornam cada vez mais no que sou isto, sim, será meu até o tempo me vencer.

TANTO QUANTO OS VALORES, AS TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO DE QUE A SOCIEDADE DISPÕE INFLUEM NA OBRA, SOBRETUDO NA FORMA, E, ATRAVÉS DELA, NAS SUAS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO NO MEIO. ESTAS TÉCNICAS PODEM SER MATERIAIS – COMO O ESTRIBILHO DAS CANÇÕES, DESTINADAS A FERIR A ATENÇÃO E A GRAVAR-SE NA MEMÓRIA; OU PODEM ASSOCIAR-SE A OBJETOS MATERIAIS, COMO O LIVRO, UM INSTRUMENTO MUSICAL, UMA TELA. (CANDIDO, 2006, P.42)

Agradeço a minha família, que me apoiou e estão presente na minha vida, a minha namorada, aos meus verdadeiros amigos que sempre me ajudaram, aos meus professores, que contribuíram e sempre me incentivaram acreditando em mim, ou se não, nunca me desestimularam.

Não escreverei nomes aqui, pois, pretendo fazer que as palavras de agradecimento se transformem em ações às pessoas que realmente me ajudaram e podem contar comigo.

RESUMO

Este trabalho monográfico analisa a importância dos sentidos da obra **Vidas Secas**(2003), de Graciliano Ramos de Oliveira (1982-1953).Ao refletir sobre a vida e maneiras utilizadas para sobreviver no sertão nordestino brasileiro pela família retratada na obra e fazer paralelos dentro das perspectivas de nosso contexto, nos remetem a sentidos de denúncia de subumanidade e ínfimas relações em vida social por estes seres humanos. Em reflexões mais profundas sobre a Obra **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos, percebemos as relações de miséria as quais podem ser determinantes como elementos estéticos e construção de sentidos na obra, a tal ponto que se tornam essenciais na construção dos sentidos. Com isso procuramos identificar e discutir sobre a importância destes elementos. Conforme apontamentos percebemos que Graciliano ao descrever um fato típico do nordeste, não faz uma depreciação do local, mas demonstra preocupado em fazer uma denúncia social através da realidade deste povo, com uma narrativa próxima da realidade deste local, a tragédia não serve apenas para cenário de desilusões e diferenças, pois se transforma em ambiente de reflexão sobre seres humanos que vivem esquecidos e abandonados a própria sorte.

Palavras-chave: Vidas Secas, Pobreza, Realidade, Denúncia Social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I	11
A POBREZA EM <i>VIDAS SECAS</i>	11
A Obra.....	11
CAPITULO II	22
PERSONAGENS COMO REPRESENTAÇÃO DE POBREZA EM <i>VIDAS SECAS</i>.....	22
FABIANO.....	23
SINHA VITÓRIA.....	25
O PATRÃO.....	27
O MENINO MAIS NOVO E O MENINO MAIS VELHO	29
CACHORRA BALEIA.....	30
CAPITULO III	33
O EFEITO ESTÉTICO DE <i>VIDAS SECAS</i>	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Diante das considerações a respeito da literatura como fator contribuinte para a humanização e reflexão da condição humana, tomemos a obra de Graciliano Ramos **Vidas Secas** (2003) como objeto de estudo. No intuito de contribuir com os estudos deste escritor brasileiro, através de paralelos entre discurso literário da obra e alguns dos possíveis sentidos, procuremos identificar as manifestações que caracterizaram a pobreza e discutir sobre sua importância e função sócia. Na leitura de **Vidas Secas** por meio de um estudo reflexivo sobre a trajetória da família de castigada pela sociedade e a natureza do nordeste brasileiro, em relação com alguns embasamentos teóricos, foi possível tecer apontamentos sobre a valorização da pobreza na construção dos sentidos aos leitores

Observando o contexto, social delimitado pela obra, o qual faz representação de uma realidade social, procuramos dentro da perspectiva de literatura com uma função de humanização. Analisamos a figuração deste real como denúncia da condição subumana, representada pela maneira que sobrevivem as pessoas neste espaço. Tais apontamentos nos remetem para um regional delimitado, mas que transcende a representação local, para uma representação literária universal, pois notamos que as descrições de miséria do ambiente não diminuem o foco narrativo sobre os aspectos das relações humanas universais.

Para tais considerações e reflexões e apontamentos dos elementos que representam a pobreza e contribuem para formação de sentidos denunciadores de condição subumana, foram necessários apoios teóricos e realização de pesquisas dentro das perspectivas de obras como **Vidas Secas** (2003), de Graciliano Ramos, observamos as relações e manifestações de pobreza como elemento literário. Em “Os contornos da alta modernidade” em **Modernidade e Identidade** (2002), de Anthony Giddens (1938), analisar questões a respeito da influência da sociedade na formação da identidade um indivíduo. Em **Literatura e Sociedade** (2006), de Antonio Candido de Mello e Souza (1918), observaremos as possibilidades do "real" social se transformar em elemento literário, ver importância do leitor e autor. Já o texto de Antonio Candido, **A personagem de Ficção** (1995), nos possibilitará perceber algumas definições de literatura, bem como refletir sobre o personagem e obra ficcional. "O olhar do viajante " em **O Olhar** (1998), de Adauto Novaes, nos possibilita refletir o que seja um verdadeiro leitor e como devemos apreciar uma obra literária com um olhar mais a fundo não na sua superfície. No texto "Pobreza como privação de capacidades" em **Desarrollo y libertad** (2000), de Amartya Sen (1933), observaremos a definição de pobreza e alguns motivos que contribuem para acentuar as desigualdades humanas. Com o texto "Regionalismo revisitado" em **Dispersa memória** (2009), de Marcio Roberto Pereira, analisamos as questões relacionadas

ao regionalismo como suas possíveis definições, e as diversas outras obras que contribuíram para nossas reflexões sobre a obra de Graciliano estão apontadas como apoio teórico no decorrer desta análise literária

No primeiro capítulo, “A pobreza em vidas secas” é realizado a apresentação da obra de nossa análise suas características gerais, são introduzidas as discussões sobre o tema, e uma breve contextualização que nos auxilia a compreender as influências sobre a criação da obra. No segundo capítulo “Personagens representativos de pobreza em vidas secas”, são analisados os principais personagens, bem como suas representações dentro de embasamentos teóricos e conceitos a respeito da obra de Graciliano Ramos. O terceiro capítulo “O efeito estético de vidas secas” aborda a relação e a elaboração dos personagens, observando a valorização da pobreza como denúncia social.

CAPITULO I

A POBREZA EM VIDAS SECAS

A Obra

A presente proposta de pesquisa visa analisar a questão de manifestação de pobreza dentro da obra de Graciliano Ramos *Vidas Secas* (2003), com possíveis visões sobre a leitura e compreensão do indivíduo, tendo em vista que a literatura de Graciliano Ramos é pautada na condição humana e esta condição pode ser entendida como um dos focos principais da obra, para tanto em um primeiro momento faremos um breve resumo da obra e também a delimitação do conceito de pobreza que posteriormente iremos utilizar como base para analisar a condição humana em nosso trabalho.

Ao observarmos uma obra literária, devemos nos portar como leitores reflexivos e não como meros expectadores, devemos, fazer um papel de segundo autor e atribuir nossas considerações em relações aos fatos postos nas obras literárias fazendo assim uma contribuição para o entendimento do homem, nos tornando mais críticos em relação à vida. Com este olhar é que observaremos a novela regionalista de Graciliano Ramos, **Vidas Secas**, na tentativa de mostrar como o social juntamente com a arte literária se condensam, criando uma obra a qual remete, em muito, à realidade do povo nordestino, e neste ambiente se desenvolve a história da Família de retirantes nordestinos representantes dos problemas humanos em relação ao meio, pobreza descrita com riqueza literária.

Com o objetivo de discutir a importância e os motivos centrais com os quais a obra está pautada, nos dedicamos à leitura da obra e percebemos certa tendência que o autor se preocupa em fazer uma denúncia muito clara sobre a questão da pobreza. Tal preocupação em descrever a pobreza de uma região nos leva a criar indagações sobre a condição humana, pois se Graciliano mostra uma denúncia da existência de condições de subumanidade em que os indivíduos são comparados a animais e não com seres humanos, considerações que nos levam a questionar o que falta para nós e o outro nos tornarmos verdadeiros seres humanos.

A obra **Vidas Secas**, publicada em 1938, com um total de treze capítulos construído em formas de quadros, que, observados em primeiro momento nos dá a idéia de que não se articulam em uma visão sobre o contexto geral, sua narrativa em terceira pessoa pelo discurso indireto livre retrata as relações de uma família de retirantes nordestinos que nos possibilita conhecer o psicológico dos mesmos, sendo Fabiano e sinhá Vitória casados e pais de dois

filhos, o Menino mais Novo e Menino mais Velho, e o seu animal de estimação, a cachorra Baleia.

O primeiro capítulo, intitulado "*Mudança*", retrata a família vagando abandonada à própria sorte em um sertão cruel, até encontrar um porto seguro, a fazenda abandonada. Já no segundo capítulo, intitulado com o mesmo nome do personagem "*Fabiano*", o autor nos passa a ideia de dedicar-se em mostrar o interior deste personagem e suas relações sociais. No terceiro capítulo, "*Cadeia*", ao escrever como Fabiano foi preso injustamente por um soldado intitulado apenas por Soldado Amarelo, podemos perceber uma crítica em relação às políticas e autoridades. "*Sinha Vitória*", esposa de Fabiano, pode representar a esperança e questionamento interior enquanto se dedica aos afazeres de dona de casa. "*O menino mais novo*", com aspirações de ser igual ao pai, neste capítulo sobre o menino mais novo, narra sobre o mesmo tentando montar um animal, no entanto não consegue apoio de ninguém ao seu redor, reforçando a ideia que todos estão à mercê da própria sorte. "*O menino mais velho*", com expectativas de conhecer o mundo, além do que lhe é posto pela paisagem árida do sertão, não consegue explicações das palavras que podem representar este novo mundo. "*Inverno*", neste capítulo retrata outro aspecto do sertão, uma forte chuva que ameaça inundar a fazenda, no entanto a família sabe que é passageiro e logo voltará a secar. "*Festa*", capítulo que narra uma festa na cidade, nos passa a ideia da família tentar ser o que eles não são ao se comportarem como gente da cidade. "*Baleia*" é o capítulo dedicado ao animal de estimação, em que o escritor narra o episódio que Fabiano mata a mesma. Refletindo sobre este capítulo, notamos a forte presença humana por parte de um animal que se preocupa com o próximo, até o momento de sua morte sonha com a prosperidade a todos que ama. Em "*Contas*", é narrado o acerto de contas entre o Patrão e Fabiano, porém as contas não batem e Fabiano com a ajuda da mulher percebe o roubo, mesmo assim não podem fazer nada. O "*Soldado Amarelo*" pode ser a representação do governo corrupto e políticas falhas. O "*Mundo Coberto de penas*" narra a passagem em que os pássaros estão a beira do riacho bebendo o resto da água que sobrou das chuvas é a premissa de que a seca esta se aproximando. E, por fim, o ultimo capítulo, "*Fuga*", que retrata novamente as frustrações e reflexões do povo nordestino que vive injustiças sofridas e sofrendo em decorrência da seca.

O Que é Pobreza?

Ao pensar sobre esta definição, provavelmente criamos visões do senso comum, as quais na maioria das vezes nos deixam à mercê, guiados provavelmente pela visão do outro. No entanto, se nos ocuparmos sobre este assunto, nós, como seres humanos, podemos refletir,

não somos seres intocáveis, pertencemos a um meio social e sofremos os impactos causados por certos conceitos, como a formação da identidade, que adquirimos perante a sociedade através dos julgamentos ideológicos existentes, portanto o que é posto para nós como pobreza, pode não nos representar como tal.

Em nossa pesquisa procuraremos não sermos direcionados por conceito de pobreza determinado por cifras, ou em bases preestabelecidas por estudos que determinam certos rendimentos básicos necessário a cada indivíduo para sobreviver, ideias em sua maioria guiadas por valores pré estabelecidos, a qual para título de simplificação podemos chamar definição de "porcentagens". Tendo em vista que a obra de nossa análise envolve relações humanas dentro de um contexto social, nos pautaremos em perspectivas que auxiliam a compreender a definição de pobreza seja social, econômico, político, individual e até mesmo espiritual ou outra. Para tanto, a definição na qual pautaremos nossa pesquisa está mais próxima da visão de Amartya Sen, mostrada na obra **Desenvolvimento e liberdade** (2000), que no capítulo, intitulado "Pobreza como privação de capacidades" que discute a definição de "pobreza" com uma visão humanista, direcionada não apenas por teorias numéricas.

Amartya Sen, em sua pesquisa, se preocupa com o caráter humano e direcionamento ao que seja pobreza, não distinguiu apenas pela falta de renda, discutindo que há vários outros fatores que nos auxiliam para sua compreensão desta definição. Amartya Sen defende o posicionamento que a pobreza pode ser, a privação de capacidades básicas de escolha do indivíduo, influenciado pelas relações sócias. Discute ainda que a falta de renda e privação de capacidades podem variar, de acordo com a sociedade, grupos sociais e até mesmo a família. Sendo assim, as capacidades básicas de escolha dependem não apenas do que você tem, mas também pelo que acreditamos ser importante.

Conforme a perspectiva de Amartya Sen sobre pobreza podemos perceber que não há uma homogeneização tão intensa do homem, como há na definição dentro da visão de distribuição de renda. Então nos guiaremos na nossa análise da obra de Graciliano Ramos de Oliveira (1892-1953) o qual retratou a pobreza através de seres heterogêneos dentro de suas relações sociais, procurando assim analisar quais são as privações das capacidades humanas retratadas nessa obra.

Na discussão com a obra **Vidas Secas**, elencaremos discussões aos textos teóricos. Num primeiro momento nos ocuparemos de um texto de Antonio Candido, "Literatura e subdesenvolvimento", o qual faz um breve relato sobre alguns motivos pelos quais os

escritores brasileiros começaram a abordar o tema do regionalismo como elemento literário brasileiro e como este é retratado dentro da literatura brasileira.

Segundo Candido, por volta da década de 1930, no Brasil, predominava a visão de "país novo", pensava-se em uma pátria que não se desenvolvera devido aos anos de exploração sofridos pelos colonizadores, com a vitória no processo de libertação, o único problema não foi reconhecimento enquanto nação, mas também surgiu a necessidade de uma auto-afirmação enquanto cidadãos de uma nação independente. Esta necessidade teve impactos profundos nos pensamentos do povo principalmente na área intelectual, em que a literatura foi fundamental para retratar este período de efervescência patriótica e ideológica: na exaltação das belezas naturais dessa nova terra, autores nutridos por impulsos patrióticos até com certo exagero geraram um fator no campo da política e sociedade, um abandono dos problemas sociais da época que permaneceram ofuscados por esta exaltação da natureza por um bom período.

Segundo as ideologias utópicas manifestadas pela sociedade a partir de 1930, para que o Brasil se desenvolver faltava apenas um pouco mais de tempo para as concretizações deste desenvolvimento, devido à grandeza desta pátria e povo, conforme as visões predominantes apesar de ser um país livre ainda não se libertara definitivamente dos valores culturais impostos por seus colonizadores durante séculos. Justificava-se então que o Brasil era um "país novo", como reflexo deste pensamento as escritas não denunciavam os problemas sociais.

Dentro da perspectiva "de país novo", os escritores orgulhavam-se da sua pátria, afirmando assim em seus pensamentos o que ela poderia ser. De um modo geral, o tema literário era a natureza, guiado pelo estado de euforia de exaltação à pátria, a figura do homem desta terra, o índio, era visto como um herói enaltecido, justamente pela ideologia de afirmação enquanto escritores nacionais, de uma pátria forte, tiveram na figura do índio, o homem livre dos aspectos culturais europeus. Se em um primeiro momento os escritores brasileiros faziam uma primeira tentativa de se afirmarem como tal, procurando criar uma identidade própria ao povo brasileiro, não podemos esquecer que estes elementos foram e muito responsáveis pelos temas dos escritores desta nascente literatura por um grande período. Como afirma Candido (1989), os escritores escreviam dentro de uma perspectiva ideológica de bela pátria.

Se, por um longo período a ideologia presente na literatura era da bela pátria, ao observarmos a obra de nossa análise percebemos outra visão. Fato que nos leva a questionar:

quais elementos contribuíram para que os escritores mudassem o foco de sua produção literária e ainda mais o porquê resolveram justamente mostrar o contrário, voltaram-se à denúncia dos problemas sociais assim como fez Graciliano?

Para pensarmos a literatura como fonte de denúncia social, devemos ainda dentro da perspectiva de nosso estudo, pensar a literatura pautados pela obra **Vidas Secas** (2003), denominada literatura Regionalista. Primeiramente, se Graciliano representa em sua escrita uma denúncia da situação brasileira, não podemos considerar que as obras literárias de um modo geral teriam mudado seu foco literário de exaltação para retratação dos problemas sociais, tendo em vista que as manifestações ideológicas culturais não se difundem ou são aceitas de imediato. Contudo, a literatura de Graciliano poderia estar ideologicamente em desacordo com parte dos escritores nacionais de sua época. No entanto, nosso interesse são os motivos pelos quais ele escreve distanciando-se dos padrões que nortearam a escrita brasileira por um bom período. Um dos elementos que podemos observar sobre o tema regionalista dentro da obra **Vidas Secas**, é o fato do escritor não fazer apenas descrição de um determinado local, somente para servir de apoio à narrativa. Há, em sua obra, uma preocupação em relação a mostrar a realidade social, somos levados a este pensamento, pois ele poderia escolher dizer sobre o nordeste ou qualquer outra parte do Brasil, mesmo assim, continuar a exaltação da natureza ofuscando os problemas sociais como vinha fazendo a maioria dos escritores.

A título de exemplificação sobre esta temática, tomemos o escritor mato-grossense Francisco de Aquino Correia (1985-1956), o qual podemos afirmar numa perspectiva geral que suas obras nos trazem uma visão pouco menos preocupada com a realidade social de um determinado local, geralmente a relata maquiando-a. Embora haja uma distância temporal considerável entre as duas produções, ressaltamos o teor literário de ambas.

A escrita de Dom Aquino, assim como ocorreu de forma mais ampla no Brasil, apresenta uma necessidade de criação da identidade e justificativa enquanto escritor, no caso de dom Aquino, escritor mato-grossense, provavelmente influenciado pelos padrões predominantes da literatura brasileira e um espírito eufórico sobre a exaltação da natureza, sua produção acabou se tendendo a exaltação da pátria. Assim, tomou como espaço para suas poesias a região de Mato Grosso, provavelmente em uma tentativa de desmistificação de local desabitado, selvagem, em que, de uma maneira geral, as pessoas de outras regiões tinham desta terra. A literatura de Dom Aquino buscava mostrar a existência de um processo intelectual enquanto pensamento estético para esta justificativa se utiliza da técnica de

exaltação das belezas naturais, vejamos um de seus poemas em que há forte presença do exotismo:

Hino de Mato Grosso

Limitando, qual novo colosso,
O ocidente do imenso Brasil,
Eis aqui, sempre em flor. Mato Grosso,
Nosso berço glorioso e gentil!
Eis a terra das minas faiscantes,
Eldorado como outros não há
Que o valor de imortais bandeirantes
Conquistou ao feroz Paiaguás!

Salve, terra de amor, terra do ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

Terra noiva do Sol! Linda terra!
A quem lá, do teu céu todo azul,
Beija, ardente, o astro louro, na serra
E abençoa o Cruzeiro do Sul!
No teu verde planalto escampado,
E nos teus pantanais como o mar,
Vive solto aos milhões, o teu gado,
Em mimosas pastagens sem par!

Hévea fina, erva-mate preciosa,
Palmas mil, são teus ricos florões,
E da fauna e da flora o índio goza,
A opulência em teus virgens sertões.
O diamante sorri nas grupiarias
Dos teus rios que jorram, a flux,
A hulha branca das águas tão claras,
Em cascatas de força e de luz.

Dos teus bravos a glória se expande
De Dourados até Corumbá,
O ouro deu-te renome tão grande
Porém mais, nosso amor te dará!
Ouve, pois, nossas juras solenes
De fazermos em paz e união,
Teu progresso imortal como a fênix
Que ainda timbra o teu nobre brasão.

(CORREA, 1985, p.37- 38)

Nesse poema, observamos claramente a exaltação às riquezas naturais, percebidas com adjetivações metafóricas do rio retratado na obra como "e nos teus pantanais como o mar". Podemos perceber a tentativa de engrandecimento do pantanal ao compará-lo com o oceano, exaltadas seus desbravadores vistos na poesia como "imortais bandeirantes" os quais venceram os ferozes Paiaguás, e os coloca como se nada tivesse acontecido aos índios dizendo que o "índio goza a opulência em teus virgens sertões," o poema é em tudo exaltação

de um espaço de tal forma que podemos perceber a tentativa de apagar do discurso os conflitos entre existentes entre o branco e o índio.

Agora observaremos outro escritor mato-grossense, cujas obras podem ser caracterizadas dentro de uma visão mais voltada para os problemas humanos, Lobivar Barros de Matos (1915-1947). Podemos dizer que em suas obras afloram os problemas observados, retrata-os de forma mais reflexiva, daí o envolvimento do homem em seu contexto social.

A enchente é a inimiga implacável dos roceiros, dos roceiros humildes e trabalhadores que nascem, crescem e morrem acorrentados à margem dos rios, dos rios que são espelhos líquidos refletindo no céu a tortura vegetal das raízes afogadas. (MATOS, 1935, p.61)

Conforme podemos observar no poema de Lobivar Matos, não há mais a exacerbada exaltação da natureza, a sua escrita se diferencia da de Dom Aquino, pois retrata uma visão mais humanista, consegue transfigurar em sua escrita uma visão crítica do sofrimento humano, não retratando o homem como um herói, mas como um ser humilde que sofre e vive da labuta na vida do campo e sobrevive do que a água das enchentes não destrói. No poema de Lobivar Matos, mostra um problema social provocado pela água que destrói as plantações, em Dom Aquino há pouca importância em mostrar os problemas de sua terra, percebemos uma tendência à exaltação das belezas.

Diante destes dois exemplos, podemos pensar que os escritores trabalham com a imagem de um espaço, mas a forma de expressão sobre ele é que mostra as suas intenções a respeito do assunto, bem como refletir diretamente na compreensão de leitura. Mesmo que o espaço seja um elemento literário semelhante, cada autor o utiliza de forma diferente. No entanto, um faz a exaltação da beleza de sua terra e o outro exprime problemas humanos e estados de espíritos diferentes, isto nos possibilita afirmar que o tema trabalhado são visões diferentes da natureza e do homem.

Sabemos que a literatura possui um poder transformador, pois consegue mostrar a esperança e vida em meio às mazelas, a beleza vista pela capacidade de transfiguração que o homem empreende sobre a natureza. É possível encontrar nos seres poéticos, transfigurados em trajetórias da existências pensando e agindo a um só tempo e quando isolados, nos leva a pensar em uma leitura crítica sobre as obras como a de Graciliano Ramos, **Vidas Secas** (2003). Nosso recorte desta obra diz respeito especificamente em discutir a pobreza e como ela é produto de sentido na literatura, tendo em vista como Ramos começa a discutir a pobreza delimitando por ambiente, o nordeste brasileiro? Ainda com base no texto de Antonio Candido "Literatura e subdesenvolvimento" (1989) podemos entender que a obra literária

possui em muito, o caráter externo influenciando a escrita, o meio direciona a visão predominante, assim foi a escrita segundo a visão de um país subdesenvolvido, que começou a surgir por volta de 1930 e ganhou força por volta da década de 1940. Nesta época, começou a surgir nos romances nacionais, a retratação dos problemas sociais brasileiros. Os escritores começam a perceber a necessidade de se refletir não mais a exaltação à natureza, como vinham fazendo, em uma tentativa de ignorar os problemas sociais, se podemos dizer assim. Há, neste período, uma ascensão da preocupação com a pátria em que não cabe mais esconder seus defeitos e sim denunciá-los.

Pensando pela linha de raciocínio de Antonio Candido, no texto mencionado, sobre o risco de simplificação da causa do fator social como elemento estético, somos levados a pensar que cabe tanto ao escritor quanto ao leitor não cair neste entendimento de reduzir o elemento social apenas como elemento de deleite estético e refletir sobre sua função social. Daí, mais uma questão nos vêm à mente, pesar a questão de universalidade literária, conforme afirmações de análises de Antonio Candido. O autor discute relações teóricas pertinentes no que se refere às obras consideradas como regionalistas, ponto de discussão sobre o caráter universal deste tema que ora nos ocupa:

[...] procurando fazer da expressão literária um problema de inteligência formal e de pesquisa interior. O Modernismo regionalista, folclórico, libertino, populista, se amaina, [...] revelando preocupação mais exigente com a forma ou esforço anti-sectário no conteúdo [...] Até 1945, mais ou menos, vemos uma produção intensa, favorecida por grande surto editorial, em que brilham veteranos e novos, estes com tendência crescente para repudiar a literatura social e ideológica [...]. (CANDIDO, 2006, p. 133-134).

Cabe, pois ao escritor, com seus valores, criar a obra utilizando o fator social de tal forma que acabe se tornando um norteador necessário para compreender o teor psicológico. Sendo assim, deve fornecer elementos para que se possa entender o efeito de validade e efeito de realidade literária criada nos leitores. Pensando nestas considerações, podemos compreender como o fator social, relacionado principalmente à pobreza apresentada por Graciliano Ramos em sua obra, não é apenas um caráter contribuinte à construção. Contudo, somos levados a refletir: como é manifestada a relação do termo "pobreza" na obra **Vidas Secas**? Por que a realidade social se tornou elemento tão primordial nesta obra? Podemos ter um pouco mais de embasamento teórico para pensar esta questão com o texto "Literatura e Subdesenvolvimento" (1989), o qual faz uma reflexão sobre a cultura de massa. O fator externo, segundo o texto, da debilidade cultural enraizada por fatores do subdesenvolvimento, analfabetismo, o povo se vê moldado a vinculação não literária sendo guiado pela TV, rádio

entre outros meios em que os valores políticos dominantes estão presentes. Diante disso podemos pensar que provocam a estagnação do senso crítico em relação à situação como o homem vive em uma sociedade. Os escritores em geral, produziam suas obras dirigidas a um público leitor reduzido e muitas vezes com a temática voltada para fora de seu país. Este fator direciona e muito a escrita, gerando assim, como nos primeiros momentos da literatura brasileira uma escrita voltada e direcionada às camadas dominantes. Este fato também pode ter influenciado na narrativa regionalista até mesmo quando seu intuito buscava fazer uma denúncia dos problemas sociais de um povo. No artigo, "A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva". de Humberto Hermenegildo de Araújo, encontramos o pressuposto segundo o qual:

[...] tende a anular o aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo. É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual, até pô-la no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade (ARAÚJO, apud, CANDIDO, 1975, p. 212-213)

Este pensamento nos proporciona observar em **Vidas Secas** a formulação dos personagens dentro desta perspectiva de alienação do homem, representado nas figuras dos personagens, conforme esta passagem do romance:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na caatinga, roçando-se. Agora tinha tido a idéia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinhá Terta, (RAMOS, 2003, p.59).

De acordo com este trecho, temos claramente delineado o perfil de um dos personagens que compõe aquelas vidas secas. Agindo como animais, o menino por exemplo, ainda não tem o alcance do poder das palavras, assim podemos afirmar nesta obra seu caráter de denúncia da pobreza de um povo, mas até que ponto? Por isso não podemos nos deixar ser levados por um pré julgamento, segundo o qual não pensa em um público para sua obra. Também que ele está exclusivamente preocupado em fazer uma denúncia dos problemas sociais. No entanto, o que não podemos deixar de refletir é que a obra possui dentro desta denúncia de pobreza, não só relativa à falta de posses, mas também pelo caráter de espírito humano alcançado, principalmente pelo estilo de narrativa em que o autor dá autonomia ao narrador para expor o interior dos personagens. Com isto ele valoriza ainda mais na obra o

caráter de pobreza dos personagens e sua significação para a literatura. Exemplar é este fragmento do romance:

Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço, [...]. Deveria continuar a arrastá-los? [...] Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo, (RAMOS, 2003, p.38).

Ainda seguindo o pensamento do texto "Literatura e subdesenvolvimento" (1989), em relação ao direcionamento da literatura para o público, há um forte sentido do perfil dos personagens os quais são, em geral, descritos dentro de uma ótica de volta a um primitivo, deixando-os no nível de animais, principalmente pela sua falta de comunicabilidade, aquela família, privada da linguagem oral, faz com que o ambiente e personagens fundam-se de tal forma que um existe em função do outro e vice versa. Encontra-se quase anulada a condição humana em relação ao homem da cidade. Ao refletirmos sobre os direcionamentos de uma criação literária podemos levantar algumas hipóteses. A literatura regionalista em primeiro momento poderia ter sido direcionada ao homem da cidade, tendo em vista, em outras épocas a leitura era limitada a uma classe bem menor que se concentrava próxima as instituições de ensino. Levando em consideração a dificuldade de acesso ao ensino podemos refletir que o homem da cidade possuía uma visão do homem do campo, notóriamente diferente em relação ao homem da cidade, mas qual seria?

Se, em linhas gerais, a obra era direcionada ao homem leitor, fator que gera uma provável relação causa consequência, em que o homem do campo fosse configurado próximo as ideologias dos espectadores, os futuros leitores, tal pensamento nos leva a perceber que o homem em Graciliano tende a se diferenciar do homem da cidade, criando assim um homem "rústico" para a lida com o trabalho no campo e apreciação do homem leitor deste novo homem.

Já na obra de Antonio Candido, "**Literatura e Sociedade**" (2006), o caráter contribuinte da descrição de um ambiente só se torna necessário para a compreensão de uma obra pelo fator estético, isto é, o autor escreve a obra sob uma ótica em que o assunto repousa nestas condições sociais, a tal ponto que é necessário conhecê-los para entender o sentido geral da obra, como acontece em **Vidas Secas**. Os problemas sociais estão diretamente relacionados à pobreza dos personagens, manifestada de várias formas, de tal maneira que a família do romance só existe à medida que surgem os problemas como a eterna fuga, os problemas

naturais como a seca e suas consequências diretas e ainda os problemas advindos da vida na sociedade e suas relações.

Vidas Secas se desenvolve em torno da rotina de uma família que foge da seca, e o autor tenta transpor sua visão em relação à fuga desta família, típica nas vidas do povo do nordeste brasileiro. O autor procura uma transfiguração do "real" dentro de sua obra. Diante disso, Candido afirma que o leitor, para conhecer a obra não basta compará-la com a realidade exterior, se fizer isto irá cair no erro de simplificação de causa, determinando o elemento social como fundamental para compreensão do elemento estético da obra.

Conforme discussões elencadas a respeito da obra **Vidas Secas**, podemos pensar a pobreza como um fator estético, manifestado dentro da narrativa, na percepção superficial e interior dos personagens, geralmente retratados sem perspectivas de conseguir mudar sua condição humana. Também manifesta em geral pela impossibilidade dos personagens se expressarem, ou seja, se manifestarem como indivíduos. Outra forma é quase uma volta ao primitivo, em que as pessoas viviam sem condições mínimas de conforto, como a família descrita na obra. Nisto temos a manifestação da pobreza enquanto crítica das relações sociais que envolvem o ambiente. Embora um tanto seduzidos pela maneira que o escritor retrata o meio externo, não podemos nos esquecer que o foco principal de sua narrativa são as denúncias da condição subumana, sobre a qual debruçamos nesta pesquisa.

CAPITULO II

"PERSONAGENS COMO REPRESENTAÇÃO DE POBREZA EM VIDAS SECAS".

Neste segundo capítulo teremos como objeto de análise os personagens, como eles se relacionam socialmente, o ambiente em que estão dispostos, procuraremos refletir sobre a questão da pobreza e como esta se manifesta na obra, sua importância para a construção literária como denúncia dos problemas sociais,

Antonio Candido em **literatura e sociedade (2006)**, apresenta considerações pertinentes que nos auxiliarão em nosso trabalho. Segundo seu texto, uma das funções da literatura é expressar condições de uma dada civilização expondo suas manifestações sobre os aspectos sociais. Diante desta consideração, surgem indagações sobre até que ponto a obra **Vidas Secas** ao retratar o aspecto social de um determinado local, consegue transfigurar a realidade deste povo.

Sabemos que os sentidos de uma obra literária se completam no momento em que o leitor lhe atribui seus juízos de valor, por isso, afirmar veemente que a obra de Graciliano exprime uma realidade social, podemos não estar levando em consideração o contexto social em que a obra foi escrita, pois as privações de capacidades básicas que a obra retrata, pois para o leitor de nossa época, devido a evolução pode ser acentuada ainda mais a questão da pobreza, que para um leitor da época em que foi escrita a obra. Devido este impasse, este trabalho deve primeiramente se pautar em um estudo mais sincrônico. Posicionarmos em um estudo sincrônico nos permite atribuir juízos de valores mais atuais, procurando assim nos desprendermos dos valores culturais da época na qual a obra foi escrita, tendo em vista que os valores antigos tal qual a época da obra pode em nossa sociedade ter tomado perspectivas diferentes.

Não podemos deixar de considerar as possibilidades de reflexões da obra dentro seu próprio contexto, ou seja, observarmos a obra também em um estudo anacrônico. O que é pobreza para nós, pode ter sido apenas um traço comum de sociedades anteriores ou vice versa. Enfim, sabemos que a sociedade é um elemento em constante evolução, por isso ao nos ater sobre algumas das possíveis questões sociais retratadas pela obra, procuraremos verificar quais são estes elementos significativos nos dias atuais.

O romance **Vidas Secas** conta a história de uma família de retirantes nordestinos os quais vivem vagando pelo sertão, sendo eles, Fabiano e sinhá Vitória, os pais de outros dois

personagens nomeados apenas por menino mais velho e menino mais novo e também, como personagem de destaque temos o animal de estimação desta família, a cachorra Baleia.

Para Antonio Candido em **Ficção e confissão** (1992), nas obras literárias, o raio da intenção não se detém nos seres ficcionais de modo direto. Então, para analisarmos as questões retratadas no livro de Graciliano Ramos, tendo como *corpus* de estudo os personagens, devemos pensá-los como seres puramente intencionais. Vejamos um pequeno trecho da obra de Candido:

[...] a preocupação ininterrupta com o caso individual, com o ângulo do indivíduo singular, que é e será o seu modo de encarar a realidade. No âmago do acontecimento está sempre o coração do personagem central, dominante, impondo na visão das coisas a sua posição específica [...] o interesse pelos fatos decorre dum interesse prévio pela situação do homem frente a eles, (CANDIDO, 2006, p.17-18).

Conforme a citação, podemos constatar assim como em todos os escritores, a forma com que Graciliano se utiliza para construir suas cenas, tendem em muito a mostrar a visão do homem segundo a sua visão de mundo. Por mais que este procure a neutralidade ao escrever a sua obra, não podemos esquecer que se trata de um ser com visões e valores ideológicos influenciáveis. Diante deste pensamento, não devemos refletir apenas no objeto isolado, mas também nas seleções dos aspectos constitutivos e esquematizados pelo autor durante na criação dos mesmos. Assim partiremos ao primeiro personagem de nossa análise.

FABIANO

Fabiano, chefe da Família, era vaqueiro de profissão e sem opção. Sua vida se resume na lida com os afazeres da fazenda, homem rústico com dificuldade de se expressar pelo uso da linguagem, bem como fazer referências ao mundo pelo uso dela, isto torna o universo deste ser ainda mais reduzido

Ao refletirmos sobre a participação do personagem Fabiano na narrativa, a visão que temos na obra **Vidas Secas** é que este personagem não possui grande movimentação, mesmo retratando um ser que vive fugindo da seca que o atormenta, lutando contra as adversidades, não percebemos ações que nos surpreendam por parte de Fabiano. À medida que lemos o romance, notamos que ele pode ser visto como um indivíduo que vive oprimido socialmente, portanto, ele pode representar a submissão a esta exploração conforme parte da obra abaixo:

Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatos de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse, (RAMOS, 2003, p.23).

Podemos perceber que existe na obra uma questão de exploração pelo patrão ao empregado, que no enredo nos remete à idéia de uma figura submissa, representada por Fabiano, o qual por ser um homem rústico se submete às humilhações e condições do patrão. Frases afirmativas como a que Fabiano diz pela voz do narrador que ele é uma coisa da fazenda, nos dá idéia que ele acaba se tornando propriedade do patrão e não um funcionário, No entanto, mesmo sabendo de sua condição, Fabiano age com naturalidade nestas e outras passagens ele se mostra um indivíduo conformado na maioria das vezes e quando se indigna, são através de pensamentos, através da forma narrativa em terceira pessoa.

Com **Ficção e confissão** de Antonio Candido, podemos discutir que na escrita de Graciliano, a movimentação realizada pela família de nordestinos não tira de foco os problemas sociais denunciados dentro da obra, muito pelo contrario isto se torna a temática principal da narrativa. Daí a idéia que temos de que o patrão representando uma figura de opressão é um elemento que impulsiona a movimentação da obra, percebemos que o foco narrativo sempre esta em torno das relações sociais, neste caso é a relação entre funcionário e patrão. Então, se o foco da obra de Graciliano Ramos são os problemas sociais os quais se entrelaçam aos personagens, podemos pensar que elementos literários como Fabiano, Sinhá Vitória, a cachorra Baleia entre outros se constituem na medida em que desenrolam os acontecimentos sejam eles de ordem natural ou social.

Ramos em sua obra procura retratar de forma mais crítica os problemas de um determinado local, para tanto, ao criar personagens como Fabiano de uma forma ou de outra procura se aproximar o do humano, segundo sua visão transforma os seus objetos literários em representações do mundo real. Temos a noção que o autor não criou um ser determinado, mas procurou fazer uma representação social de homens que vivem nas mesmas condições em que Fabiano por isso a impressão é que seu personagem vai se constituindo na medida em que se envolve com problemas típicos do sertão nordestino, vejamos um trecho da obra de Candido:

[...] pode-se copiar no romance um ser vivo e, assim, aproveitar integralmente a sua realidade? Não, em sentido absoluto. Primeiro, porque é impossível, como vimos, captar a totalidade do modo de ser duma pessoa, ou sequer conhecê-la; segundo, porque neste caso se dispensaria a criação artística; terceiro, porque, mesmo se fosse possível, uma cópia dessas não permitiria aquele conhecimento específico, diferente e mais completo, que é a razão de ser, a justificativa e o encanto da ficção, (CANDIDO, 1995, p.65).

Diante deste posicionamento, somos levados a meditar e justificar que a figura de Fabiano se torna um elemento universal, pois mesmo tentando uma representação de uma pessoa real palpável ao transfigurá-lo para obra, o escritor o faz segundo sua interpretação e lhe atribui representações ideológicas próprias, assim o personagem pode ser visto como uma representação de como Ramos vê o homem nordestino.

Um dos traços marcantes dentro da obra de Graciliano Ramos que pode ser considerado um dos fatores que caracterizam os personagens é que são distanciados pela falta de comunicação, conhecimento, impossibilidade de manifestar seus posicionamentos. Em Fabiano temos um fator mais acentuado de submissão, pois ele mesmo percebendo que é explorado pela sociedade capitalista, vive procurando justificativas pela sua exploração em si, tentando se convencer sobre sua condição, enquanto ser humano explorado como algo natural, pensa sempre que está predestinado a viver sofrendo, além de muitos elementos da narrativa que nos dão suporte para tal posicionamento, vejamos este excerto:

Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. (RAMOS, 2003, p.96).

No romance de modo geral, podemos perceber a submissão de Fabiano perante sua condição humana, a título de confirmação deste posicionamento, temos na citação acima que, segundo a visão de Fabiano, ele só existe pelo que representa, seu modo de viver é visto como algo genético, ao afirmar que pai e avô eram assim e antes não existia família. Há por isto idéia segundo a qual o modo como ele vive é o que o define enquanto ser e não pode mudar a sua situação, como ele mesmo afirma, "espantar-se-ia se alguém lhe dissesse o contrário".

SINHA VITÓRIA

Outro personagem que merece nossa atenção dentro da obra de Graciliano é Sinhá Vitória, a esposa de Fabiano, dona de casa que vive empenhada nos afazeres domésticos, acaba por se tornar uma referência para Fabiano e os filhos, mulher sonhadora e inteligente que vive se questionando perante sua condição no mundo.

Segundo posições de Antonio Candido em sua obra **A personagem de ficção (1995)** os personagens das obras ficcionais não existem por si, eles também se constituem na medida em que se relacionam com o outro. Um típico exemplo da relação entre elementos da narrativa que ajuda a compreender a visão da personagem Sinhá Vitória é a imagem do outro, como a visão que Fabiano demonstra em relação a sua mulher o que nos ajuda a compreendê-la, descobrindo um pouco mais do fator psicológico dela, personalidade, a título de exemplificação observaremos a seguinte passagem do romance:

Não se conformou: deveria haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. [...] Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! [...] mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela (RAMOS, 2003, p.93).

Conforme esta e outras passagens em que Fabiano demonstra admiração por sua mulher, que nos auxilia para criarmos uma personagem com características mais femininas e suaves. Além de nos mostrar a admiração pela mulher esta parte da obra nos reforça a idéia que Fabiano é bitolado em sua condição social, mesmo que em tal ponto ele nos transmite uma noção de questionamento ao notar erro nas contas do patrão, logo parece procurar enganar-se e atribui a culpa à esposa.

Outro momento que nos ajuda a compreender um personagem é a admiração do filho mais novo por Fabiano, esta contribui para formar a visão de um homem rústico domador de animais bravos um peão, no entanto esta é a característica que em determinado momento mostra grandeza, constitui Fabiano enquanto homem para o filho, assim podemos perceber que qualidades e defeitos ressaltados por personagens como Fabiano em relação à mulher ou filho em relação ao pai entre outras nos auxilia a criar o perfil dos personagens. Além de nos auxiliar na compreensão, da obra como um todo, a relação entre os personagens nos possibilita verificar a visão da pobreza dentro da obra, pois são as indignações que a mulher manifesta diante de sua condição nos auxiliam refletir sobre as questões de denúncia na obra.

Ao analisarmos a personagem Sinhá vitória, notamos que há uma grande diferença entre ela e Fabiano, pois esta mulher na obra pode representar as indagações enquanto ser

humano, a forma com ela foi elaborada nos remete a uma personagem com senso crítico ao mundo em que vive. Em várias situações do enredo ela se pergunta sobre a educação dos filhos, se questiona sobre as contas que o patrão prejudica Fabiano e outro traço característico da personagem é que ela sonha com prosperidade.

Ao compararmos Fabiano e Sinhá vitória podemos perceber um traço bem distinto entre eles, a questão interior, relatada neste trecho:

Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam aquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido. (RAMOS, 2003, p.40).

Como podemos perceber Sinhá Vitória sonha com prosperidade, questiona, faz planos conforme vimos aqui, já há algum tempo questionava por que não dormiam como as outras pessoas e sonhava com a cama de lastro de couro, percebemos que faltam as questões mínimas de conforto para a Família de Fabiano como já afirmamos a respeito da personagem Sinhá Vitória, compreendemos as manifestações de pobreza dentro da obra.

Outro aspecto da narrativa que nos chama a atenção é a forma com que é tratada a prosperidade, ao lermos a obra podemos notar em Sinhá Vitória a representação de amor ao dedicar-se incondicionalmente a família e esperança quando sonha e reflete sobre o futuro. Ela não é movida apenas pela necessidade de viver instintivamente, é conduzida por sonhos, diferente de Fabiano que é guiado quase exclusivamente pelo instinto durante a história.

O PATRÃO

O patrão de Fabiano é figura de pouca representação e participação no enredo, no entanto possui papel fundamental na reflexão dos problemas sociais, que nesta pesquisa enfocamos. A figura do patrão, conforme desenvolvimento da obra pode significar uma crítica em relação ao sistema capitalista, tendo em vista que em muitos momentos além de utilizar mão de obra barata, como a de Fabiano, ainda se utiliza de meios fraudulentos através de cobranças de juros abusivos, explora ainda mais os indivíduos.

Ao analisarmos a figura do patrão, uma das coisas que nos chama a atenção é a forma como foi construída esta figura: há uma integração com o meio de tal forma que Graciliano Ramos o torna um elemento natural, ele se justifica como parte dos desafios de uma sociedade que acaba se tornando algo natural à vida de pessoas como Fabiano. Tanto é

possível pensarmos desta maneira, como já afirmamos, os personagens não possuem características detalhadas nem, mesmo o nome é dado a este personagem, conforme trechos da obra podemos reforçar este posicionamento

Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru. Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. (RAMOS, 2003, p.24).

Podemos estudar a figura do patrão dentro do enredo como um personagem secundário, no entanto há uma preocupação estética por parte do autor em torná-lo parte do ambiente. Naquele trecho o patrão ao ser comparado a uma planta típica do nordeste, o mandacaru, percebemos uma tentativa de igualar o homem à natureza de tal forma que nos dá a impressão de se tornarem um só elemento hostil. Tal é a falta de esperança de Fabiano devido ao seu passado e presente, que o torna sem expectativas em relação ao seu futuro dos filhos também, tanto é que a figura do patrão remete para ele a necessidade dos filhos se prepararem, pois os meninos vão ter um patrão seco, daí surge a necessidade que eles "precisavam ser duros, virar tatus" serem bichos como Fabiano, Uns bichos.

Ao refletirmos a narrativa nos vem uma questão social muito forte, pois podemos ver a figura do patrão como um elemento de opressão social sobre Fabiano isto nos reforça mais uma hipótese a de que os personagens na obra são movidos pelos problemas e relações sociais, vejamos mais um exemplo:

Viera a trovoada. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsava. Fabiano fizera-se de desentendido e oferecera os seus préstimos, mas resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro. (RAMOS, 2003, p. 19).

Além de reforçar a idéia que o patrão se assemelha a um problema de ordem natural, um ambiente hostil, e ao ser comparado com a chuva nos dá idéia que os problemas sociais favorecem ao movimento dos personagens, tendo em vista que a chuva que pode ser entendida como prosperidade, logo vem a desilusão, o patrão, que empurra Fabiano para as mazelas do mundo, nos possibilidade de pensar que as dificuldades desta família nunca vão acabar, é como um ciclo. Ao ser expulso da fazenda pelo patrão, Fabiano aceita viver sobre condições de submissão, com medo de lançar-se ao sertão, novamente há uma questão de instinto de sobrevivência imediatista por parte de Fabiano que se submeter aos caprichos do

patrão por hora lhe garante e a família alguns momentos de prosperidade e descanso mesmo sabendo que seja passageiro.

O MENINO MAIS NOVO E O MENINO MAIS VELHO

Estes dois personagens são os filhos de Fabiano e Sinhá Vitória, devido aos breves momentos de indagações os meninos acabam saindo do mero campo em que poderiam ser considerados animais. Até mesmo pela visão dos pais os meninos são vistos e comparados aos animais, pois durante a narrativa não recebem nem mesmo o nome, além de outras constatações. Vejamos uma parte da narrativa que podemos apontar estas idéias de subumanidade nestes personagens:

Olharam os meninos. Que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estariam pensando, Zumbiu sinhá Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. (RAMOS, 2003, p.121-122).

Nesta pequena passagem os pais e principalmente Fabiano iguala os filhos a uma condição de subumanidade ao dizer que seus filhos são bichos e por isso são desprovidos de pensamentos, mas por que ao lermos a obra somos levados a discordar de Fabiano, quais são as possíveis representações que podemos extrair dos filhos deste casal?

Menino mais novo, este sonha ser igual ao pai, faz planos, procura se relacionar com a família, mas é pouco compreendido até mesmo pelo seu herói Fabiano, este título parece-nos mostrar a falta de ajuda e incompreensão humana entre os indivíduos, que no sertão estão abandonados a mercê da própria sorte, são trechos como o descrito abaixo que nos possibilitam ver estas relações:

Olhou com raiva o irmão e a cachorra. Deviam te-lo prevenido. Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade: o irmão ria como um doido, Baleia, seria, desaprovava tudo aquilo. Achou-se abandonado e mesquinho, exposto a quedas, coices e marradas. (RAMOS, 2003, P.51-52)

Neste trecho da obra podemos refletir através da figura do menino mais novo sobre o abandono em que as pessoas do sertão estão submetidas, na figura da família podemos reportar aos órgãos competentes que os deixam esquecidos em suas políticas, a quem realmente cabe olhar e ajudar este povo e a cachorra Baleia pode refletir a nós, pois como ela

o fez viu a sena em que o menino ficou abandonado a própria sorte, reprovou a ação, mas também não fez nada assim como a maioria das pessoas sabem da existência da miséria no Brasil e não fazem nada pra mudar este retrato social.

Menino mais velho, podemos perceber neste personagem um começo de indagação, sobre o mundo, sobre a linguagem percebendo que esta pode ser uma forma de representação do mundo, se questionava como palavras belas como inferno proferida por Sinha Terta poderia representar coisas ou lugares feios. Então podemos pensar que o que difere os meninos de animais são seus sonhos, são indagações mesmo que sejam vagas, posi eles são capazes de criar mundos muito além do mundo que lhes é posto, a fazenda, vejamos um parte da obra em que nos da possibilidade de pensar sobre tal: Os dois meninos “Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada” (RAMOS, 2003, p.73-74)

Os meninos podem ser símbolos de questionamentos em relação ao mundo e não em relação a sua condição perante o mundo? Podemos levantar tal questionamento tendo em vista que os meninos são crianças e durante a narrativa os vemos em fase dos descobrimentos, pouco se preocupam com os problemas que os envolve, conforme suas indagações percebemos, que seu mundo ainda é representado e se resume na fazenda e brincadeiras junto aos animais, tanto é que quando algo lhes foge deste mundo ficam perdidos procurando respostas nas pessoas que fazem parte da fazenda. Então vivendo nestas diminuições do mundo, pouco poderiam questionar-se sobre suas condições em relação ao mundo maior.

CACHORRA BALEIA

A cachorra Baleia é o animal de estimação da família, no entanto o processo de elaboração estética da mesma ocorre por uma antropomorfização, Graciliano lhe atribui mais características humanas que os meninos. Tais afirmações podem ser reforçadas de início pelo nome tendo em vista que a cachorra tem um nome Baleia e os meninos não, um dos primeiros passos para a caracterização enquanto ser, em outros trechos da obra mostra a cachorra com características humanas como "deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários”(RAMOS, 2003, p.39), Diante deste fato narrado, somos levados a concluir que há na criação de Baleia o processo de antropomorfização, esta e outras partes da obra nos trazem tal noção ao se referir a um animal com sentimentos de humilhação,

revolucionários, dizer que ela andava com duas pernas parecendo gente, se preocupava com os afazeres da fazenda entre outros.

No decorrer da obra podemos ir juntando as considerações sobre Baleia e reforçar a idéia que está sofre uma tentativa de humanização, como a narrativa em que, Sinha Vitória estava cozinhando, preocupada com Fabiano e em suas reflexões compara Baleia com seres humanos ao afirmar que ela é um animal que possui sabedoria como gente, outro momento é quando o narrador conduz a narrativa de uma maneira que Fabiano parece estar com medo da alma estar rondando a fazenda, entre muitas outras passagens em que o narrador vai construindo Baleia, até que esta se assemelhe ao homem.

O fato que mais nos chama a atenção sobre este personagem é a narração da história de sua morte, em que o narrador o faz com uma riqueza de detalhes da imagem da morte de Baleia, não nos ateremos a este aos sentidos e os possíveis motivos por que Fabiano resolveu matar Baleia, creio eu que este seja um mistério tão grande como de Capitu, por hora o que nos ocupa é seu comportamento perante a morte vejamos um trecho da obra que nos reporta ao momento da morte de Baleia:

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (RAMOS, 2003, p. 91)

Vimos aqui que Fabiano matou Baleia e na hora de sua morte ela manifesta uma nobreza de humana, compaixão, por mais que sentiu vontade de morder Fabiano não podia fazer, pois ele era como um pai, e seu sonho era um mundo melhor não só para ela, mas para toda a família, um mundo melhor cheio de alimento e fartura até mesmo para Fabiano.

Segundo Candido, uma obra narrativa não pode deixar de possuir traços do humano, no entanto, essa representação não precisa ser necessariamente um ser humano podendo ser substituído por outros seres, assim como o fez Graciliano Ramos ao escolher a cachorra Baleia fazendo-se valer da narrativa para acentuar a valorização dos aspectos sociais. Ao ressaltar um animal com aspectos humanos, há uma exaltação dos problemas postos em questão, com isso a denúncia se torna mais evidente na obra.

Com a forma narrativa, o escritor consegue que Baleia deixe de ser um mero animal e passe a possuir sentimentos humanos, desta forma, o escritor mostra indiretamente outro raio de intenção, ele não quer mostrar apenas como a cachorra é esperta e amável com aquela família. Faz com que o leitor perceba com uma maior intensidade as possibilidades de sonhar,

se preocupar com o próximo, enfim de viver como fez a personagem que até mesmo na hora da morte consegue pensar em sua “família”. Esta possibilidade de viver transfigurada na obra em que um animal pode sonhar pode aproximar ao leitor de sua realidade, pois ao mesmo tempo em que se afasta da realidade e interage com outras possibilidades dentro da obra consegue refletir sobre o que muitas vezes não quer ver, ou finge não ver.

CAPITULO III

O EFEITO ESTÉTICO DE VIDAS SECAS

Se pensarmos que os personagens são elementos secundários para o foco da narrativa na obra **Vidas Secas** e os problemas sociais estão em primeiro plano, como os personagens contribuem para realização da denúncia social? Pensando neste fator que ultrapassa as concepções do senso comum, podemos considerar que a elaboração estética dos personagens seja fator que contribui para denúncia dos problemas sociais.

A forma com que Graciliano se utiliza para compor seus personagens se analisados superficialmente, não conseguiremos dar o devido significado, tendo em vista a possibilidade do leitor construir os objetos segundo seu conhecimento de mundo, podemos dar um significado ao qual vai ao encontro dos objetivos do autor. Por isso devemos refletir também os elementos literários de que este escritor se utilizou para criação dos seus personagens e como estes seres ficcionais conseguem significar além da obra.

Destacaremos então sobre a relação e elaboração dos personagens. Para tanto nos guiaremos pelo caráter estético, devemos nos conscientizar que são as escolhas que o escritor faz na hora de escrever que contribuirá com a identidade e objetivo da obra. Entretanto, devemos ter em mente que os sentidos postos em sua criação se completa diante da reação do leitor. Na análise dos elementos estéticos de criação da obra, juntamente com as sensações percebidas das possíveis leituras, podemos afirmar que o texto nos dá possibilidade de reconhecer e criar uma visão de “realidade” do povo nordestino seja pelos personagens, descrição do ambiente. Mesmo que nunca tenhamos visto esta situação, conseguimos nos identificar com ela, percebemos a realidade e possibilidades de vida que nos rodeia, no entanto, muitas vezes nos passa despercebida. Por isso procuraremos analisar estas realidades trazidas por Graciliano e de que forma nos toca.

Indagando a questão estética da criação dos personagens, devemos refletir sobre as possíveis intencionalidades deste ato, então, começaremos refletir e afirmar a existência de uma denúncia social com uma visão voltada à pobreza. Para pensarmos sobre o assunto, nos pautaremos em Antonio Candido **A Personagem de ficção** (1995) o qual nos traz a indagação: por que pensar a literatura como um objeto resultado do que aparece fixado por meio das letras, podendo ser as obras científicas, notícias, livros entre outras formas de expressão através das letras. Adotaremos como definição em nosso trabalho a literatura delimitada dentro do conceito de literatura “regionalista”.

O espaço delimitado pela literatura regionalista, segundo o texto "Regionalismo revistado" de Marcio Roberto pereira da obra em **Dispersa memória: Escritos sobre representação e memória na literatura brasileira (2009)**, faz abordagens em relação ao percurso histórico e definições que a literatura regionalista teve, no entanto a definição que pautaremos é segundo reflexões transcritas abaixo:

[...] esse regionalismo que desfoca o pitoresco em nome de um psicológico, também desvenda um mundo em ruínas – cultural, social, político e existencialmente – ao atenuar o impacto de um regionalismo em que o espaço age como elemento decisivo no processo de formação do homem [...] (PEREIRA, 2009, p.69)

Segundo a citação notamos traços característicos desta definição que ao observarmos a novela de Graciliano se aproxima forma como a obra é produzida como denúncia de um mundo miserável, forte fator psicológico

Outro elemento constitutivo para a elaboração dos personagens nas obras ficcionais e que lhe atribui o caráter extra-literário, na obra de Graciliano Ramos é a densidade dos personagens. Em nossa pesquisa podemos afirmar que são criados como uma tela que se torna uma imagem criada adquire valor próprio ofuscando o objeto o qual o artista teve como modelo para sua criação, sendo ele físico ou puramente imaginário.

A questão da imagem, segundo Candido em textos não ficcionais as imagens tendem a ser neutras na tentativa que os discursos se adéquem às pessoas reais. Exemplificando, a título de exemplificação podemos citar uma fotografia que remete a uma determinada pessoa, diferentemente dos textos ficcionais como **Vidas Secas**, a imagem do personagem Fabiano não representa necessariamente uma única pessoa “real”, ele é apenas uma criação literária puramente intencional e com significados mais profundos, seus atos, suas peripécias por não representar uma dada pessoas, podem significar para qualquer leitor.

Graças à forma com que o autor seleciona os elementos, direciona o discurso literário, consegue manter o leitor preso à imagem retratada pela obra e não a uma imagem qualquer já determinada, por exemplo, de uma pessoa conhecida pelo leitor. Mesmo que este leitor crie em sua mente a imagem de alguém conhecido, não consegue ligá-lo a imagem da obra, é como se o personagem Fabiano existisse somente graças aos elementos estéticos selecionados pelo escritor e completados pelo leitor. Então este se identifica com a imagem pela sua incompletude, densidade e são estas lacunas que cada leitor completa segundo suas peculiaridades, conhecimento de mundo e sensibilidade, que o fazem se identificar com a

imagem, pois as lacunas são preenchidas com experiências próprias, é como se o personagem fosse em parte o leitor.

Ao criar o ente literário, o escritor consegue produzir sua obra de tal forma que o leitor passa a lhe atribuir valor e significado próprio, daí a necessidade do leitor na configuração do fator extra-literário, pois são suas reflexões significativas a respeito das orações utilizadas para criação de uma obra que cria a visão do objeto retratado, lembrando que necessariamente o sentido não será único podendo variar conforme os tipos de leitor.

Como podemos perceber a narrativa é outro dos elementos universais de uma obra, conforme Candido no livro citado. Na forma narrativa o autor pode criar discursos ambíguos projetados em duas perspectivas, na personagem e no narrador fictício, assim como na obra **Vidas Secas**, podemos perceber este estilo, pois conseguimos conhecer um pouco da intimidade dos personagens pelo fator psicológico, graças a este processo os leitores vão se identificando cada vez mais com o objeto criado pelo escritor. O silêncio no romance, adotado pelo autor na caracterização de obra de um modo geral tende nos personagens de Graciliano, no entanto, esta caracterização acaba por nos dizer mais sobre as condições dos personagens, que se o autor tivesse utilizado a linguagem para denúncia da condição de subumanidade. Nos mostra com isso os seres ficcionais ao retorno à barbárie em condição de animalização, tanto pela falta de linguagem, quanto pelo instinto de sobrevivência, condições mínimas de vida entre outros. Isto nos ajuda a refletir sobre a situação humana presente na obra uma vez que os seres vivem como animais em um ambiente sem expectativa de mudança e esperança. Vejamos uma parte da obra a qual nos remete estas considerações:

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. (RAMOS, 2003, p.14).

Basta observarmos a descrição do episódio em que Fabiano vai beber água, para percebermos as semelhanças de um animal, devido à semelhança do modo com que ele bebe a água, desde o local um bebedouro de animais, a maneira de cavar a areia com as unhas em vez de utilizar um instrumento, debruça-se e bebe água podemos ter bem nítida a visão de um animal e não um homem bebe água, estes e outros momentos da narrativa nos da idéia que até mesmo nas tentativas de comunicação geram sons são típicos de animais, o zumbir das abelhas, rosnar dos caninos destas e muitas outras passagens que mostram o animalesco, ressaltado em personagens humanos.

Na obra **Vidas Secas (2003)** entendemos que sua elaboração é desde a forma narrativa, processo responsável não apenas pela descrição do ambiente, mas também se torna indispensável para o enredo, tendo em vista a sua forma de elaboração, a obra se conduz pelo olhar do narrador. Por que pensarmos que o foco narrativo é fundamental para o significado da obra? Primeiramente, a forma que Graciliano utiliza para produzir sua narrativa acentua ainda mais a questão da pobreza, pois ao retirar a voz dos personagens e transferi-la para o narrador temos a impressão que os personagens não têm a possibilidade de se posicionar, manifestar-se enquanto seres, posicionamento que é reforçado na obra com o trecho transcrito:

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da idéia cresceu engrossou e partiu-se. Dificil pensar vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. (...) se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. (RAMOS, 2003 p. 36)

Conforme o excerto notamos que Fabiano é uma pessoa com pouco grau de instrução, vive explorado devido sua condição de vida, ressalta uma situação em que o individuo não consegue se posicionar através do uso da linguagem. Refletindo sobre esta narrativa vemos que há uma impossibilidade dos personagens utilizarem a linguagem para se relacionarem com clareza, este e outros pontos mostram que cabe ao narrador produzir as indagações a respeito da sua condição de vida.

Um dos assuntos que por hora nos chamam a atenção é a aproximação com a realidade constatada na obra de Graciliano, mesmo que seja uma forma de narrativa ficcional, no entanto, parece adquirir caráter de verdade podemos compreender melhor esta relação através dos apontamentos da citação seguinte:

Ainda assim a estrutura das orações ficcionais parece ser em geral a mesma daquela de outros textos. Parece tratar-se de juízos. O que os diferencia dos verdadeiros é a intenção diversa isto é, a intenção que se detém nas objectualidades puramente intencionais (e nos significados mais profundos por elas sugeridos), sem atravessá-las, diretamente, em direção a quaisquer objetos autônomos[...] (CANDIDO, 1995, p. 19,).

Na leitura crítica de **Vidas Secas**, sobre as objectualidades puramente intencionais podemos considerar as figuras do patrão, soldado amarelo, o cobrador de impostos entre outros, como elementos constituintes do ambiente que dão movimento à narrativa em que seus sentidos nos remetem significados mais profundos que suas representações enquanto função social. Ainda podemos afirmar uma das preocupações na obra de Graciliano gira em

torno dos problemas humanos representados pelos personagens como Fabiano. Diante destas posições, somos levados a refletir que os personagens se constituem à medida que desenrolam os acontecimentos sejam eles de ordem natural ou social. Isto nos leva às considerações de Antonio Candido (1995) para quem:

Estes contextos objectuais determinam as “objectualidades”, por exemplo, as teses de uma obra científica ou o mundo imaginário de um poema ou romance. Mercê dos contextos objectuais, constitui-se um plano intermediário de certos “aspectos esquematizados” que, quando especialmente preparados, determinam concretizações específicas do leitor.(CANDIDO, 1995, p.13).

Assim entendemos que na elaboração de uma obra como a de Graciliano Ramos, os elementos selecionados pelo escritor nos faz perceber todo um movimento em torno dos personagens há uma preocupação em elaborar a escrita de forma que o leitor não perca de vista o humano.

Ainda sobre considerações sobre movimentos em torno dos personagens, podemos refletir que ao observarmos alguns dos aspectos constitutivos do ambiente geográfico, descrito na obra de Graciliano Ramos, nos deparamos obviamente com as peculiaridades do autor, mas se depurarmos um pouco mais esta obra podemos tecer considerações pertinentes e refletir sobre o regionalismo retratado por este escritor? A dificuldade em uma definição pura para este termo que já vem sendo motivo de discussões, que em muito já vem acolhendo boa parcela das obras brasileiras caracterizando-as regionalistas, problemática que nos leva a pensar se **Vidas Secas** é uma obra tão somente regionalista. A preocupação do autor em descrever um ambiente delimitado, o sertão nordestino brasileiro, ou este ambiente adquire aspectos universais.

Segundo o texto "Regionalismo revistado" de Marcio Roberto pereira em **Dispersa memória**: Escritos sobre representação e memória na literatura brasileira (2009), traz pontos importantes que nos auxilia pensar o regionalismo na literatura, segundo o texto na geração 1870, em uma tentativa de legitimação e aproximação dos lugares esquecidos como o nordeste, teve grande expressão os defensores deste novo pensamento principalmente pela literatura, reviravolta que começou a difundir e defender a idéia que a literatura das regiões mais afastadas seria de fato a literatura brasileira propriamente dita, tendo em vista que estas regiões sofrem bem menos as influências estrangeiras, fato que gerou certo desagrado por parte dos escritores de outras regiões como sul, pois estes também procuravam se afirmar

como escritores brasileiros, no entanto esta não é a questão de nossa análise só nos adianta para defender e compreender as reflexões seguintes.

Por que estas considerações a respeito do movimento da literatura regionalista nos são pertinentes, em um primeiro momento faz nos depararmos com umas das funções da literatura a retratação de aspectos culturais de um povo em um determinado momento, assim percebemos que a obra **Vidas Secas** representa muito bem este papel através da história da família da obra de Graciliano Ramos, ao retratar as condições deste povo podemos perceber que a literatura regionalista é uma ficção em que os seres ficcionais são dotados de forte verossimilhança da "realidade" histórica e humana, se os personagens regionalistas em primeiro momento dão conta de representação da vida humana, isto em si já poderia ser dado como um caráter universal, mas um dos fatores desponta como universal na obra de Graciliano Ramos é justamente a forma de descrever o ambiente delimitado, em sua narrativa ele consegue transferir as problemáticas provenientes do ambiente árido, para a condição humana, transcendendo assim o espaço regional.

Outro dos elementos universais da obra é o raio de intenção das obras ficcionais como já foi comentado. A utilização de um animal para expressar condições humanas é mais uma técnica de produção puramente intencional, a qual seu significado consegue transcender ao objeto, a possibilidade de se conhecer o psíquico de um animal só é possível apenas pelo formato da narrativa. A cachorra Baleia é um "objeto" criado pelo escritor Graciliano como uma tela de arte, sua imagem deixa de representar um animal ao qual nós conhecemos para assumir um valor próprio, consegue transcender a obra.

Conforme aquele trecho da obra, podemos constatar que o escritor se utiliza da narrativa para atribuir sentimentos humanos à cachorra Baleia como, sentimentos revolucionários, a questão de um animal ser humilhado pelos maus tratos de sua dona, só conseguimos perceber devido a forma narrativa.

A exploração se pensada como denunciada na obra é mais um dos fatores de manifestação da pobreza, por que podemos assumir tal posicionamento? Primeiramente devemos analisar a família dentro das relações sociais. Conforme se desenvolve o enredo, somos direcionados a um posicionamento segundo o qual os elementos da sociedade como Governo, Patrão, Soldado amarelo, impostos, juros, somam-se aos problemas que a família tem que enfrentar.

A maneira com que Graciliano Ramos mostra os personagens em suas relações sociais, nos faz pensar que se trata de um modo de questionar as formas de governos bem

como suas políticas públicas, vejamos um breve episódio da obra que podem reforçar esta análise:

Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. (RAMOS, 2003, p. 95-96.).

Desta passagem podemos afirmar que até mesmo na hora de se indignar diante da sua condição perante a exploração social a qual está submetido, o personagem Fabiano nos passa a impressão que possui voz pelo narrador, visto no trecho no qual afirma que tudo era contra ele, além de nos mostrar uma crítica social, nos reforça a visão que há quase uma impossibilidade dos personagens se manifestarem perante sua condição.

A maneira como os seres ficcionais vivem os aproxima ainda mais dos animais, além da miséria, a família vive na impossibilidade de mudar sua condição. Então vivem instintivamente, como animais não se planejam futuramente, pois o futuro é incerto para estas pessoas, são poucos os trechos da obra que mostram os personagens se preocupando com o amanhã e quando o fazem nos parece que é pela ótica do narrador. Como o momento em que Fabiano preocupou que os filhos se interessassem por coisas imediatas como a lida com gado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra **Vidas Secas**, como a perspectivas de representação da condição humana em situações de miséria, constatamos que a pobreza possui grande representatividade sendo elemento de significação literária que se torna fundamental na compreensão da obra. Podemos constatar que a miséria se manifesta de diversas formas sendo, nos personagens, no raio da intenção do narrador, pelo silenciamento posto aos personagens, submissão retratada na exploração dos seres ficcionais, entre outras.

Ao refletir sobre alguns termos utilizados durante a pesquisa como “pobreza” notamos certa dificuldade em defini-lo, principalmente na literatura, pois em geral a pobreza é vista como uma base de renda em padrões pré estabelecidos, no entanto o termo ao qual pesquisamos se aproxima em muito do pensamento sobre a condição humana. **EXPLICAR ESTA CONDIÇÃO HUMANA** Outro termo de difícil enquadramento teórico foi o regionalismo, mas conseguimos estabelecer parâmetros com embasamentos teóricos que nos permitiram refletir sobre a questão de como uma obra de caráter regional consegue transcender e significar o universal.

Graciliano Ramos em sua obra não representa apenas um ambiente seco sem vida, mas nos cria a possibilidade de reflexão sobre um ambiente e vidas secas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**: 88ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: Ensaio sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.

_____. et alli: "literatura e personagem." "A personagem do romance" In: **A personagem de Ficção**: 9.ed. São Paulo, SP: Perspectiva S.A., 1995.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**: Momentos Decisivos. 10.ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. "Crítica e Sociologia." "Letras e idéias no período colonial". "Literatura e cultura de 1900 a 1945." In: **Literatura e Sociedade**. 9.ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. "Literatura e subdesenvolvimento." "A revolução de 1930 e a cultura" In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. pg. 140-162:

CORRÊA, Francisco de Aquino. "Hino de Mato grosso" In: **Terra Natal**. vol. I, Brasília: s/e, 1985.

ROCHA, Sônia. et alli: "Pobreza no Brasil" In: **Pobreza e desigualdade no Brasil**: traçando caminhos para a inclusão social. Brasília: UNESCO, 2003.

SEN, Amartya. "La Pobreza como privación de capacidades" In: **Desarrollo y Libertad**. Buenos Aires: Editorial Planeta S.A, 2000.

GIDDENS, Anthony. "Os contornos da alta modernidade" In: modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2002.

SOUZA, Ronaldo de Melo. "A ficção Dramática de Graciliano Ramos" In: **Ensaio de Poética e Hermeneutica**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010.

LIMA, Luiz Costa. "Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional", "A teoria do efeito estético de Wolfgang Iser, In: **Teoria da literatura em suas fontes**: vol. 2, Rio de Janeiro: 2002

CARRERO, Raimundo. "A construção do personagem" In: **Os segredos da ficção**: Um guia da arte de escrever narrativas, Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. **A Tradição Do Regionalismo na Literatura Brasileira**: Do Pitoresco à realização inventiva. In: Revista Letras, Curitiba, n. 74, p. 119-132, UFPR, 2008.

MATOS, Lobivar. **Areôtorare**: Poemas Boróros. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.

CARDOSO, Sérgio. “O olhar do viajante”. In: **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CAIRO, Luiz Roberto. et alli: "Regionalismo revisitado." “Vidas Secas e os flagelos do vento leste: Diferenças estruturais” In: **Dispersa memória**: Bauru, SP: Canal 6, 2009.